

SEMINÁRIO – 08 DE JUNHO DE 2013

Por que nossos alunos não aprendem a ler?

* **Silvia M. Gasparian Colello**

O Brasil é um país de poucos leitores. Esta é uma das principais conclusões da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-livro/Ibope, 2012) com objetivo conhecer o comportamento leitor da população. Embora o segmento estudantil seja o que mais lê, encontramos também neste grupo as marcas de insuficiência das competências leitoras, atestadas pelos sistemas de avaliação escolar (Prova Brasil, Enem e Pisa).

Questionadas sobre as razões da não leitura, as pessoas se referem às dificuldades da atividade em si (lentidão, problemas de compreensão e concentração), o que sugere problemas de aprendizagem não superados no período escolar. Por outro lado, entre os fatores que mais contribuem para estimular a leitura, o incentivo do professor e as atividades escolares são os fatores que mais interferem na formação do hábito de ler.

A consideração deste quadro chama a atenção para a responsabilidade da escola. Mais do que ensinar a ler, seu papel é investir na formação de leitores, constituindo-se como a principal instância de penetração da leitura nas práticas sociais.

Partindo do pressuposto de que compreender a crise da leitura é compreender a crise da escola, o objetivo desse artigo é analisar, com base no referencial sócio-histórico, o modo como a leitura se configura na escola, buscando implicações para a prática pedagógica. Afinal, como se explica a dificuldade de formação de leitores? Quais as diretrizes para reverter esse quadro?

Em primeiro lugar, cumpre considerar o processo de ensino progressivamente apartado da magia literária. A esse respeito, vale denunciar as práticas pedagógicas, que nem sempre levam em consideração o perfil do aluno, seus interesses e motivações. As rodas de leitura e a “contação de histórias” pela

professora, tão frequentes na Educação Infantil, parecem não ter mais espaço na rotina escolar depois que a criança aprende a ler. Pressupondo a autonomia dos alunos, as leituras no Ensino Fundamental prevalecem como práticas silenciosas e pouco compartilhadas, quase sempre voltadas para a aquisição de conteúdos. É assim que a leitura assume uma dimensão escolarizada, traduzida por ativismos pedagógicos impositivos que pouco exploram o prazer de ler.

Em segundo lugar, importa denunciar a concepção instrumental da língua. Na alfabetização, ela frequentemente aparece como um jogo de decifração visando apenas à aquisição do sistema. Posteriormente, a leitura prevalece como meio para a aquisição de saberes, não necessariamente vinculada às práticas sociais. O artificialismo linguístico das primeiras escritas e a “pedagogização” da leitura acabam por segregar o aprender a ler, o ler para aprender e o ser usuário da leitura.

Finalmente, é preciso destacar a frágil dialogia das relações na escola. A língua, a mais sublime invenção da humanidade para viabilizar o trânsito das ideias, é, paradoxalmente, ensinada à custa do reducionismo interlocutivo entre professores e alunos e da apologia do silêncio. As aulas monológicas, a desconsideração da realidade do aluno e as práticas de discriminação linguística são apenas exemplos disso.

Quando um professor pede a seus alunos que leiam um texto para responder um questionário de compreensão literal, corrigindo-o com base em respostas prontas e pré-definidas, perde a oportunidade de explorar a riqueza das múltiplas interpretações, problematizar o tema e estabelecer relações com outros saberes.

Na tentativa de reversão desse quadro, é possível defender diretrizes que balizam o papel da escola na formação do leitor. Além de promover o acesso quantitativo e qualitativo ao mundo da leitura (uma necessidade em face da desigualdade sociocultural brasileira), cumpre ressignificar a didática da leitura,

e particularmente da literatura, de modo a transformar a escola em uma “comunidade de leitores”. Nessa perspectiva, o desafio do professor é lidar com a tensão entre ler por gosto ou por obrigação, entre as leituras prazerosas e as eruditas, entre os textos possíveis e os desejáveis, mediando um “continuum” de formação marcado pela construção de complexos mecanismos de interpretação e pelo investimento em possibilidades de fruição literária.

A intervenção pedagógica significativa é um procedimento dialético que vai do sujeito para a o mundo letrado e vice-versa. A apropriação cognitiva, que requer a compreensão de gêneros, autores, estilos, recursos expressivos, estrutura e propósitos da escrita, tem, em contrapartida, uma dimensão pessoal de sensibilização do sujeito para a sua inserção na corrente comunicativa, o “diálogo com o texto”, o encontro com o outro e a construção de sentidos. Descartando a meta de “um leitor preestabelecido”, o objetivo é a formação de leitores com diferentes gostos e preferência; leitores que lançam mão dos diferentes modos de ser leitor. Daí a dimensão constitutiva da leitura e a certeza de que o ensino da língua passa necessariamente por práticas transformadoras do sujeito, da escola e da sociedade.

* **Silvia M. Gasparian Colello**, pedagoga com mestrado e doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). Como docente desta mesma instituição, atua na área de Linguagem e Psicologia da Educação, nos cursos de graduação em Pedagogia e licenciatura. Na pós-graduação se dedica também à orientação de pesquisas nos programas de mestrado e doutorado da Feusp. É coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento (Geal), no qual desenvolve pesquisas na área de Ensino da Língua Escrita.

Sugestões de bibliografia sobre o tema:

COLELLO. A escola que (não) ensina a ler e a escrever. São Paulo: Summus, 2012.

COLELLO. “Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita” In Videtur, n. 29, Porto: Mandruvá, 2004 (<http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>).

COLELLO “Concepções de leitura e implicações pedagógicas” In International Studies on Law and Education 5 (<http://www.hottopos.com/isle5/8silviag.pdf>).

COLELLO (org.) Textos em contextos – Reflexões sobre o ensino da língua escrita. São Paulo: Summus, 2011.

COLOMER. Andar entre livros. São Paulo: Global, 2006.

LERNER. Ler e escrever na escola – o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERISSÉ & MATOS. “Leitura e professores: uma relação em crise” In International Studies on Law and Education 7 (www.hottopos.com).

SOLÉ. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TEBEROSKY & COLOMER. Aprender a ler e a escrever. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

WEISZ. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2002.



SINPEEM
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP